

BRINCANDO NA INTERNET: NOTAS SOBRE O MODO *BORDERLINE* DE VIVER¹

LIA PITLIUK²

RESUMO

Este artigo apresenta a história do entrelaçamento de uma relação analítica e de uma relação amorosa pela internet, através do qual uma analisante, até então mergulhada em violentas vivências persecutórias e melancólicas, pôde recuperar sua capacidade brincante e, por essa via, realizar uma verdadeira (re)construção subjetiva e relacional

Busca-se, particularmente, pesquisar as condições ambientais - comuns ao setting analítico e à relação mediada por computador - que permitiram e sustentaram este percurso, tão característico do “modo *borderline* de ser e de viver (Nahman Armony)

ABSTRACT

This article presents the history of the interactions between an analytical relationship and a loving Internet-based relationship, through which a patient, who was dipped into violent, melancholic and persecutory experiences until then, could regain her playing ability and, thereby, achieve a real subjective and relational reborn.

The aim is, particularly, to research the environmental conditions - common to analytic setting and computer-based relationship - that allowed and supported this path, so typical of the "borderline way of being and living" (Nahman Armony).

Existem experiências clínicas que, por diversas razões, nos convocam mais particularmente a um longo esforço elaborativo. É o que se passa comigo em relação ao trabalho analítico com Silvia, desenvolvido em paralelo a uma aventura internética

¹ Trabalho apresentado no VIII Encontro Brasileiro sobre o Pensamento de D. W. Winnicott, de outubro de 2013, com o título “Brincando na internet: um caso clínico”. Publicado na Rabisco – Revista de Psicanálise. Porto Alegre: Seminários Winnicott POA, vol 4, n. 2, outubro de 2014.

² Psicanalista. Supervisora e coordenadora de grupos de estudo sobre psicanálise, autora de artigos e de capítulos de livros. No **Instituto Sedes Sapientiae**: membro do Depto. de Psicanálise; membro do Depto. de Psicanálise com Crianças; membro do EPW – Espaço Potencial Winnicott; professora e supervisora do Curso de Psicanálise com Crianças; coordenadora do grupo de estudos *A perspectiva relacional na psicanálise*; membro do grupo *Winnicott: leituras e reflexões*. No **Instituto Gerar de Psicanálise**: professora no Curso de Pós-graduação em Psicanálise na Perinatalidade e Parentalidade; professora dos cursos *O brincar na perspectiva de Winnicott* e *Winnicott e as consultas terapêuticas: uma proposta clínica*. No **Instituto Singularidades**: professora do curso “O brincar em Winnicott: constituição subjetiva, educação e política”.

singular que esta analisante viveu durante os anos de sua análise. Tenho a impressão de que nesse percurso Silvia “solucionou” algo até então insolúvel, o que lhe permitiu seguir vivendo. Por um lado, penso que isso se articula ao que, com Nahman Armony, já me habituei a pensar como “modo *borderline* de viver” (Armony, 2010); por outro, remete à recuperação e ampliação da capacidade brincante desta moça, tão impossibilitada no momento em que iniciou sua análise comigo.

Este artigo pretende traçar a história desta retomada, pesquisando principalmente duas condições ambientais que, penso, foram fundamentais para o processo: por um lado, algumas particularidades comuns ao *setting* analítico e às relações mediadas por computador; por outro, o fato de seus dois acompanhantes – eu, como analista, e seu companheiro internético – termos podido acolher suas experimentações e brincadeiras, consideradas tão extravagantes, e mesmo “doentias”, naqueles últimos anos do século XX.

Foi uma experiência muito singular... mas, ao mesmo tempo, bastante representativa de muitas outras histórias - algumas com finais bem menos felizes - que pareciam envolver problemáticas e buscas semelhantes. Passei a me perguntar que tipo de sujeito somos, e que vida estamos vivendo, para que as relações internéticas ganhem esse espaço, essa importância e esse tipo de funcionamento.

Dos muitos autores que vêm trabalhando a questão da subjetividade contemporânea, tenho estado muito atenta às reflexões de Nahman Armony a respeito do *borderline* – “uma concentração de um modo de estar-no-mundo passível de ser vivido mais ou menos temporariamente, mais ou menos permanentemente, por todo ser humano” (Armony, 2010, p. 13). Distanciando-se da idéia de uma estrutura ou de um quadro psicopatológico, com o termo *borderline* Armony se refere a um modo de subjetivação marcado, acima de tudo, pelo que o autor chama de *valências identificatórias abertas*, um ôco identificatório que exige preenchimento como questão de sobrevivência, diz o autor. Vivendo permanentemente uma “fome de identificações”, “o *borderline* mantém atuantes formas antigas de relação, comunicação e conhecimento: extrema disponibilidade/capacidade de identificação e exacerbada sensibilidade empática (...), uma porosidade psicossomática que lhe permite entrar em contato direto, não mediado, com o outro e com o mundo” (Armony, 2010, p. 78).

Temos aí a potencialidade tanto para uma vida rica, interessante e criativa... quanto para impasses, sofrimentos e paralisias de grande magnitude, dadas as

intensidades em jogo e dado o terror advindo das qualidades das relações primárias, do risco permanente de perda da sustentação narcísica, de desamparo e solidão radicais.

Em sua extrema avidez nas relações, Silvia não tinha conseguido constituir formas de modulação e de regulação das intensidades nas relações presenciais: vivia uma exposição excessiva às invasões, às angústias persecutórias e ao terror do abandono, e necessitava desesperadamente de um espaço protegido onde pudesse, no mínimo, descansar, e, em algum momento, simbolizar a distância, a descontinuidade, a ausência.

Vejamos, então, um espaço assim pôde ser construído.

A história³

Silvia me procurou descrevendo-se como uma “montanha de lixo”: feia, gorda, burra, mal-cheirosa, insuportável; sentia que seu casamento era lixo, assim como seu mundo profissional, sua casa, seu corpo, suas relações. Seu sofrimento principal relacionava-se a vivências agressivas e persecutórias muito intensas em praticamente todos os seus relacionamentos e tendências adictivas igualmente fortes: Silvia imergia maciçamente nos vínculos com pessoas e coisas e, sistematicamente, fazia um corte abrupto e definitivo que não conseguia evitar - e era esse “tudo ou nada” que dizia não aguentar mais porque, obrigada a agir assim, não via nenhuma possibilidade de construção em sua vida. Com frequência mergulhava em crises importantes de depressão, com sentimentos intoleráveis de angústia e a convicção de que não havia vida possível para ela. Tudo que Silvia contava - e também sua aparência física - fazia mesmo pensar em destruição, devastação, uma espécie de “*day after*”. Nunca tinha tentado suicídio e imaginava que estava muito perto disso.

Ao mesmo tempo, ela se mostrava inteligente e “muito bem estruturada”, com falas e condutas bastante críticas e rigorosas sobre o mundo e sobre si mesma, e sua relação comigo se estruturou nos moldes do que conhecemos como transferência neurótica, com defesas bem constituídas e organizadas: parecia-me que ela me situava, mais que tudo, num lugar de testemunha e de acompanhante.

³ Retomada da história trabalhada, sob outros pontos de vista, em três publicações anteriores, citadas nas referências. Note-se que, para manter a atmosfera do vivido, utilizo aqui vários trechos das descrições clínicas destes artigos, reproduzindo-as, compondo-as entre si e complementando-as conforme necessário.

Em dois anos Silvia se divorciou e começou a frequentar as salas de batepapo da internet, mergulhando em histórias apaixonadas e persecutórias com pessoas e com grupos inteiros, que vivia muito maciçamente: não era raro, por exemplo, que passasse 10 ou 12 horas seguidas na internet, e mais de uma vez ultrapassou 20 horas consecutivas. Comecei a vislumbrar um universo distante da estruturação sólida com que se apresentava nas sessões, e parecia só se importar com a vida na internet e com sua análise, em que também mergulhou de forma intensa.

Numa dessas salas de batepapo conheceu Caetano, com quem fez um vínculo muito especial - de muito apaixonamento e também muito acolhimento e cumplicidade. Um homem que lhe aparecia como muito sedutor, interessante e interessado, vivo, vaidoso e amoroso. Transformaram-se num par, convivendo passionadamente por e-mails e contatos *online* diariamente, muitas vezes por dia, às vezes por horas. Em paralelo, nas sessões, Silvia me trazia páginas impressas com as trocas que faziam.

Era um momento muito particular dos desenvolvimentos dos computadores e da internet, e o casal descobria/inventava recursos novos todo o tempo, brincando com imagens, sons e palavras, reconhecendo, denunciando e ao mesmo tempo acolhendo as vivências e afetos de ambos. Por exemplo, criavam apelidos para nomearem figuras de si mesmos, através dos quais se interpretavam mutuamente e se reconheciam: RainhaDaInglaterra, Maluco, Esfarrapada, Pimenta, DonJuan, Bruxa, SabeTudo, etc. Utilizavam desenhos - fixos e logo com movimento -, sons, fotos, expressões onomatopeicas e de duplo sentido; variavam o tipo, a cor e o tamanho das letras com que se escreviam; inventavam palavras, trocavam letras de música, trechos de poemas, citações; falavam da vida cotidiana e das suas dificuldades, de filmes e livros, contavam seus problemas, fofocas e piadas, comemoravam as vitórias, descreviam fantasias e sonhos sexuais. E, importantíssimo: afirmavam e demonstravam continuamente seu interesse, carinho e preocupação um com o outro. Muitas vezes ela se dava conta da impossibilidade de qualificar a relação: tratava-se de um amigo, um amante, um irmão, um pai, um filho, um analista... Com frequência, uma mistura de algumas dessas categorias. Um dia, chegou a dizer que ele era “seu tudo”.

Suas brincadeiras com fotos merecem destaque. Silvia se recusava a encontrar Caetano frente a frente, convicta de que só poderia manter a relação com ele pela via do computador, já que “estava destruída” e que “só sabia destruir”. Ele então lhe pediu para conhecê-la das formas que ela achasse possíveis, e Silvia começou a lhe enviar fotos das

partes de seu corpo que considerava passíveis de serem aceitas por ele sem que o vínculo fosse destruído. Primeiro um pé, que ela descreveu como “mais bonito que o da Luiza Brunet”; depois uma mão, o cabelo, a barriga... Havia um forte clima adolescente no ar, tudo era muito lúdico e também muito sério: com a máquina fotográfica Silvia pesquisava suas possibilidades de sedução e o tamanho da “destruição” do seu corpo.

Uma primeira resposta dele lhe provoca um primeiro susto: ele se diz surpreso pois “*esperava que ela fosse muito pior*”. Caetano lhe pede uma foto de seu pescoço, e ela fica muito impactada com a excitação que a foto teria despertado nele: Silvia passa bastante tempo olhando para aquela foto, tentando apreender o que havia ali que pudesse agradar tanto a um homem. Ela envia, então, uma foto de seu dorso, em roupas comuns; e ele dirá que aquela tinha sido a mais atraente de todas as fotos, pela postura corporal que ele via ali. Na análise, ela diz: “*talvez eu não seja só lixo*”, o que inaugura um período de muita experimentação com fotos e roupas, em que esta moça investiga e vai descobrindo novos potenciais estéticos e eróticos de seu corpo.

Não há como evitar o adjetivo ‘encantador’ para aquele universo de trocas e carícias: através da tela, o casal recuperava e inventava modos expressivos polissêmicos e lúdicos carregados de afetos dos mais variados matizes. Aliás, notemos que a relação não era só amorosa e serena: com alguma frequência aconteciam mal-entendidos, estranhamentos, sentimentos de abandono e de desamor e algumas brigas bem intensas, que exigiam de Silvia muito trabalho elaborativo para recuperar a trilha da intimidade e seguir sustentando seu objeto amoroso. Trabalho elaborativo intenso que ela realizava no espaço analítico, para digerir os impasses e angústias nessas situações, que eram avassaladores.

Eu diria que Silvia tinha se alojado no colo de Caetano e no divã, e assim ia se (re)construindo. Evidentemente eu me preocupava com o *quando* e, principalmente, com o *como* se daria seu desmame, torcendo para que ela tivesse tempo de se constituir o suficiente para suportá-lo, quando acontecesse. Silvia seguiu imersa naquela relação simbiótica multifacetada e confiável por uns 2 anos, mais ou menos, quando se deu o que ela chamou de “o terremoto”: a descoberta repentina de que Caetano mostrava os e-mails à namorada. Isto, obviamente, fez ruir este mundo lúdico íntimo; Silvia reagiu com uma agressividade brutal e o rapaz cortou o vínculo, dizendo que “aquilo não dava para aguentar”. Silvia concluiu então que era mesmo “inaguentável” e com isso entrou numa depressão assustadora por muitos meses, que só cedeu com o retorno do rapaz,

desculpando-se e lhe dizendo que ela era importante demais, que queria continuar próximo dela, só que precisavam de muito mais cautela.

Este foi um grande ponto de virada: para não perdê-lo novamente, e também para não se perder na relação com ele, Silvia partiu em busca de formas de se relacionar que impedissem a destruição – de um dos dois ou da relação. Isto implicava muitas coisas essenciais e talvez a mais importante delas tenha sido perceber e negociar com seu companheiro as proximidades e distanciamentos excessivos para cada um. Caetano lhe dizia, por exemplo, que não aguentava mais receber e-mails tão longos, que não tinha tempo ou vontade de ler, o que o deixava tomado por sentimentos de culpa; Silvia, por sua vez, lhe dizia que não suportava ficar sem resposta, pelo sentimento de abandono e desamor que isso lhe produzia. Foram fazendo os acertos possíveis e, com bastante esforço, ela passou a enviar e-mails cada vez mais curtos, aos que ele conseguia responder com rapidez. Em análise, trabalhávamos intensamente as possibilidades do “estar com” e do “nós”, ou seja, as muitas formas do “estar perto”.

Com bastante alegria ela começou a descobrir/inventar modos de negociar e de suportar variações na relação, experimentando as que um ou outro precisasse. Era assim que brincavam de professor-aluno, por exemplo, com um assumindo explicitamente a função de mestre e o outro de seguidor, em algum assunto importante da vida, e o jogo se estendia ao longo de dias, mesmo se não se falassem; brincavam de sedutor-seduzido, e durante o tempo em que estavam separados ela se esmerava em se aperfeiçoar em um ou outro dos papéis. Os jogos quase-teatrais se multiplicavam, e o acordo principal deles era não permitirem que a relação se estereotipasse, pois Silvia supôs que esse tinha sido seu impossível e seu insuportável pela vida inteira. Dizia que “era uma exigência desumana tentar fazer os seus pedaços caberem numa fôrma a qualquer preço”, e que se essa continuasse sendo uma exigência inegociável do mundo, *como antes*, não seria possível viver. Mas que naquela forma de relação era possível “ser várias” e, assim, a morte – da relação ou dela – não seria necessária.

Isto lhe permitiu retomar, aos poucos, a via presencial nos relacionamentos, expondo alguns dos “horrores” e das “maravilhas” fora da internet e das sessões. Mas, até onde eu saiba, nunca com esse companheiro cibernético, que dizia ser uma “preciosidade que não podia arriscar”: Silvia defendeu com todo o rigor aquele enquadre que tornava possível a relação, de forma muito semelhante, aliás, à que empregamos com o enquadre analítico.

E isto nos introduz no primeiro dos nossos dois temas do momento, que são as questões de *setting*, justamente, e o lugar do brincar.

Setting internético e setting analítico

Penso que duas características do *setting* internético foram essenciais para o desdobramento da experiência de Silvia. Em primeiro lugar, a *continuidade* que o meio de comunicação permitia ou mesmo induzia. Por um lado, as mensagens iam e vinham com o imediatismo a que hoje já nos acostumamos, e o encontro ficava muito facilitado por não exigir deslocamentos físicos e portanto poder acontecer por poucos minutos ao longo de todos os dias. Por outro lado, e ao mesmo tempo, o fato de poder ler e responder os e-mails durante o tempo em que Caetano se ocupava de outras coisas lhe fornecia o sentimento de uma presença constante ao longo de seus dias e noites, o que lhe dava uma sustentação e um preenchimento verdadeiramente vitais.

Numa outra vertente, temos algumas características do próprio instrumento da comunicação, o computador, que merecem destaque. Antes de mais nada, com a máquina Silvia podia viver intensamente a experiência de controle e de possibilidade de condução que lhe davam muito prazer e tranquilidade: ela ligava e desligava o computador quando bem entendia e através do teclado lhe dava ordens que, em boa parte do tempo, a máquina obedecia. Falava também da sensação de que “nunca mais ficaria totalmente sozinha”, já que “mesmo se a máquina quebrasse, se fosse roubada ou se houvesse um incêndio, sempre poderia comprar outra e continuar de onde estava”.

Ao mesmo tempo, ela não se via totalmente onipotente em relação a aquele mundo: tinha que aprender as regras de interação com a máquina, tinha que suportar sua velocidade de processamento, seu modo de funcionar, seus limites. Seu desespero frente à “conexão que sempre caía” (era internet discada, na época) “seria cômica se não fosse trágica”, e havia todo um esforço para compor uma convivência suportável com as instabilidades daquele objeto. Mas o essencial era que essas instabilidades não eram reações às expressões afetivas de Silvia: eram limites da própria máquina, eram expressões de uma realidade vivida como objetiva que, entendida como externa, não coibia sua liberdade de ser, de sentir e de expressar. Esse parecia ser o ponto principal.

Em paralelo, era fundamental para ela que o *setting* analítico funcionasse exatamente do mesmo modo: espaço estável que, pela clareza e rigor de suas regras de

funcionamento, dava-lhe a possibilidade de se manter conectada. Silvia tinha muito ódio de vários dos limites do *setting*, e o fato de serem mantidos totalmente não-negociáveis por mim foi fundamental para que ela pudesse expressar o que sentia com a certeza de que não conseguiria produzir ‘quebra, incêndio ou roubo’ que acabasse com a experiência. Vale notar, aliás, que mais de uma vez me ocorreu o pensamento contratransferencial de que eu não podia morrer durante sua análise...

Obviamente, ao mesmo tempo em que eu mantinha o *setting* estável ‘com unhas e dentes’, havia também o fato de eu ser viva e pertencente ao mundo vivo, de eu ter afetos e reagir afetivamente. A luta, então, era não permitir que o *setting* fosse afetado pelas minhas reações afetivas: tratava-se de fazer o *setting* funcionar como uma máquina... justamente para que o vivo da relação pudesse sobreviver.

Modo borderline de ser/estar/fazer

Temos, assim, que a mediação do computador funcionou como defesa essencial, permitindo a Silvia realizar um trabalho simbolizante árduo, diário, que não parecia possível numa relação comum não mediada. A conversa por escrito, produzida frequentemente quando seu parceiro não estava *online*, permitia-lhe trabalhos elaborativos inéditos, como já vimos. A troca das fotos, sempre parciais, fazia pensar no bebê brincando com suas mãozinhas em frente aos olhos... descobrindo seu pé, seu joelho, sua orelha... se deliciando com o prazer da mãe ao olhá-lo, com seu sorriso e suas falas dizendo ao bebê quanto ele é adorável... e se descobrindo à medida que a mãe, tomada de encantamento, o acaricia...

Destaquemos que não se tratava de um mundo fantasiado: as fotos, por exemplo, eram todas fotos de partes do corpo de Silvia, mesmo. Por outro lado, ela nunca enviou foto de si inteira, e nunca se encontraram ao vivo, e deste modo ela evitava que ele a olhasse “de longe” ou “de fora”, com algum tipo de “objetividade”. Aquele era, verdadeiramente, um mundo criado *por* e *entre* eles. Era assim que a mediação da internet lhe possibilitava experimentar e mesmo construir corpo, assim como uma espacialidade e uma temporalidade novas, com adiamentos e esperas que Silvia não suportava no imediatismo dos encontros ao vivo e de suas reações sempre explosivas.

Armony nos fala bastante, justamente, da produção, por parte dos *borderlines* brandos, de um espaço muito íntimo, nem subjetivo nem objetivo, “um espaço singular comum a dois entes”. O autor escreve:

Pode-se dizer que o *borderline* vive no espaço potencial ou de ilusão; poder-se-ia também e talvez melhor dizer que quando vivemos o espaço da ilusão ou no espaço da ilusão (transicional) estamos num estado *borderline*. O *borderline* nem segue os cânones do social nem se dispersa improdutivamente como o psicótico. Seu mundo de fantasia, fortemente impregnado de afeto, pressiona no sentido da realização. O *borderline* não desiste de realizar as suas fantasias no social. A realidade impregnada pela fantasia e a fantasia realizando-se no social faz do *borderline* uma realidade cultural renovadora em devir (...). Sua vida é uma criação artística permanente (Armony, 2010, p. 132).

Em minha opinião, Silvia conseguiu produzir isso de uma forma realmente surpreendente: não só no espaço entre ela e um outro, mas de forma ainda mais complexa, no espaço *entre* dois amores, entre duas relações essenciais - sua relação com Caetano e sua relação com sua analista. De fato, qualquer afastamento mínimo por parte de um dos seus parceiros – companheiro internético ou analista – a fazia aninhar-se mais no outro dos dois espaços; por outro lado, tudo que se produzia em um destes dois campos era aproveitado e utilizado no outro.

Esta experiência com Silvia tem me feito ficar cada vez mais atenta a este espaço “entre-relações” - presente, por exemplo, na experiência de relações amorosas simultâneas. Talvez o que se profile no horizonte do que o próprio Armony acaba de batizar com a expressão *homem transicional* (Armony, 2013, p. 237).

Até pouco tempo atrás, acreditávamos que um paralelismo de relações como esse se estabilizasse de uma forma dicotômica, nos moldes “seio bom e seio mau”, “desejar um e odiar o outro”, ou “relação erotizada x relação fraternal”. Desde o trabalho com Silvia venho pensando, cada vez mais, em relações primordiais trabalhando em consonância e em regime de verdadeira complementação, enquanto entrejogo de vínculos brincantes. Espaços íntimos, paralelos e simultâneos e, desde que permaneçam nessa condição, vividos como “almofadados”, estáveis, protegidos e protetores.

Talvez o meio possível e eficaz de se obter o *holding* necessário para uma vida criativa e plena.

Referências Bibliográficas

Armony, N. (2010). *Borderline: uma outra normalidade*. 2.ed.- Rio de Janeiro: Revinter.

_____. (2013). *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. SP: Zagodoni.

Pitliuk, L. (2001). Subjetivações e Informática – uma perspectiva psicanalítica. In Comparato, M.C.M. & Monteiro, D.S.F, *A criança na contemporaneidade e a psicanálise: mentes e mídia: diálogos interdisciplinares, II*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2003). Modos de ser: compondo com Espinosa e Rodolfo. In Volich, R.M. et al. (org.) *Psicossoma III: Interfaces da Psicossomática* (pp. SP: Casa do Psicólogo.

_____. (2005). Encontros com o/no/através do... computador: um assunto para a psicanálise? In *Psicologia e informática: desenvolvimento e progresso* (pp. 61-75). SP: Casa do Psicólogo.